

# Uma mãozinha do destino

*Recontado por Eesha Sardesai*

O começo da primavera já estava batendo na porta, quando este grupo maltrapilho de soldados descansava no campo que circundava os arredores da cidade imperial de Ktoyo. Seu pequeno acampamento era cercado por árvores de *sakura* que estavam começando a florescer. De uma cor rosa pálido — flores de cerejeira — se abriam dos galhos, uma imagem de calma temporária.

Bem cedo numa certa manhã, o general da unidade estava sentado sob uma dessas árvores *sakura*, observando o acampamento. Lentamente seus soldados despertavam. Um deles começou a cutucar uma pilha de gravetos, tentando reacender o fogo. Outros estavam preparando alguma comida.

Tinha sido uma longa guerra, travada ao longo de muitos anos e em muitas províncias do Japão. O general, Nintoku, podia ver o preço que ela havia cobrado de seus homens. Eles nunca falavam sobre adversidades, nenhuma vezinha sequer, mas ele os conhecia muito bem. Podia ver como suas faces haviam se tronado ligeiramente acinzentadas; como seus passos ficaram mais lentos, pesados; como, tão logo deixaram os campos de batalha, seus ombros se curvaram e esmoreceram. Houve tempo em que esses homens andavam de cabeça erguida; se vangloriavam de suas vitórias, e dos atos valorosos que com certeza realizariam em seguida.

Conforme o General Nintoku ficava lá sentado, refletindo sobre o que poderia fazer para elevar o moral, um dos soldados veio correndo até ele.

— General — falou o homem, colocando as mãos sobre os joelhos para recuperar o fôlego. — Tem uma mensagem para o Senhor, vinda do palácio. — E estendeu um longo envelope fino.

O general pegou o envelope das mãos do soldado e desdobrou o papel. Estava preenchido com uma bela caligrafia encorpada, uma mão elegante, que não combinava com a mensagem que transmitia. Quando o general terminou de ler, fez uma pausa e lançou um olhar para o horizonte distante. O sol já tinha se erguido quase por completo, e um tênue brilho alaranjado agora iluminava as árvores e coloria o acampamento com seu calor.

— General? — disse o soldado timidamente. — O que é?

O general permaneceu em silêncio por um momento. Uma das flores de cerejeiras se soltou do galho acima dele e foi parar no seu colo. Ele a pegou, e ficou olhando as pétalas finas como papel. Eram na maioria brancas, mas certamente em algum lugar havia uma veia vermelha passando através delas.

General Nintoku virou-se para o soldado.

— Devemos voltar para batalha em breve — disse. — O inimigo está se aproximando pelo Norte. Eles estão vindo com muitas tropas.

— Quantos? — perguntou o soldado.

— Pelo menos três vezes mais do que a nossa infantaria. E o dobro da nossa cavalaria.

— Podemos pedir reforços?

— Podemos, mas eles não chegarão a tempo.

— Então o que faremos?

— Vamos lutar — disse o general, com simplicidade. Com isso, levantou-se, guardou a carta nas dobras de suas vestes e começou a andar pela estrada que saía do acampamento.

A pergunta do soldado ficou martelando na cabeça do general. O que eles *iriam* fazer? Na importava o quão bravamente seus homens lutassem, se eles não conseguissem se defender de seus inimigos, a cidade imperial seria tomada.

O general continuou caminhando por algum tempo, finalmente ao virar uma esquina se viu diante do brilhante arco vermelho de um tradicional portão japonês – um *torii*. Estava um frente à entrada de um santuário. Flanqueando o portão, havia dois cães de guarda feitos de pedra, um com a boca aberta e outro com a boca fechada. Eram criaturas imponentes, mas de alguma forma parecia que o chamavam para entrar.

O General Nintoku cruzou o portão e entrou no santuário. Ao chegar no altar, fez uma reverência, tocando a cabeça no chão. Então, por um tempo, se sentou sobre os joelhos. Seus olhos se fecharam conforme a quietude do santuário se apossava dele e se acomodava no espaço do coração. As orações naturalmente surgiram em seu interior. Rezou por força e sabedoria para cumprir seu dever, para assegurar que a cidade seria protegida, agora e sempre. E rezou para que seus homens voltassem a ver suas famílias um dia.

Foi enquanto estava em meio às suas orações que ele o ouviu: um ruído, que no começo parecia fraco e depois foi ficando mais alto. Estava vindo de algum lugar atrás dele. Soava como algo metálico.

Abriu os olhos e logo avistou a origem do ruído. Era uma moeda rodopiando alegremente pelo chão. Tão logo ela chegou perto do lugar onde ele estava ajoelhado, ela diminuiu o ritmo, virou sobre um dos lados e oscilando para cima e para baixo — *plink* — finalmente caiu ao chão.

O general olhou em volta. Não havia mais ninguém lá no santuário. Pegou a moeda e a virou sobre a palma da mão. Olhou para ela atentamente por alguns instantes. Lentamente, um sorriso se espalhou pelo seu rosto.

\*\*\*

Mais tarde naquela manhã, depois que o General Nintoku retornou ao acampamento, reuniu seus soldados e lhes contou sobre a batalha que estava prestes a acontecer. Eles receberam a notícia estoicamente, mas o general percebeu que eles ficaram apreensivos. Seus olhos se arregalaram; suas bocas se apertaram em linhas finas.

— Sei o que vocês estão pensando — disse o General Nintoku. — Mas o destino nem sempre é o que parece. Estão vendo essa moeda aqui?

E ergueu a moeda que havia encontrado no santuário.

— Esta moeda veio até mim enquanto eu orava no santuário aqui perto. Eu acredito que seja um sinal.

— Um sinal? — disse um dos homens. — Como assim, General?

— Bem, vocês sabem o que os comandantes costumavam fazer no tempo dos nossos antepassados.

Os soldados se entreolharam com caras de interrogação.

— Não, General — disseram finalmente. — Não sabemos.

— Eu vou explicar —, disse o General Nintoku. — Antes de qualquer grande batalha, o comandante reuniria seus homens — exatamente como todos vocês estão reunidos aqui, hoje. Então ele pegava uma moeda, geralmente uma que havia sido abençoada em um templo ou santuário próximo. Semelhante a esta moeda na minha mão.

O general fez uma pausa.

— E? — um dos soldados perguntou rapidamente. — E então?

— Então o comandante diria a seus homens: “Homens! Eu vou jogar essa moeda. Se cair com a cara virada para cima, significa que seremos vitoriosos.” E toda vez que a moeda caía com a cara virada para cima — não importando quais eram as chances ou o quanto o inimigo estaria em vantagem — eles venceriam a batalha.

—O quê? Não! É *sério* isso? Todas as vezes? — Os soldados ficaram admirados.

— Sim —, disse o General Nintoku. — Todas as vezes. Então, agora, vou jogar esta moeda que está aqui na minha mão. E guardem bem as minhas palavras, se ela cair com a cara virada para cima, *seremos* vitoriosos, assim como nossos antepassados foram, antes de nós.

O general segurou a moeda entre o polegar e o indicador. Os soldados se aproximaram para poderem ver melhor. A curiosidade deles — sua esperança, seu desejo de acreditar que talvez, apenas talvez, seu destino não fosse predeterminado — superou qualquer ceticismo.

Com uma estalar de dedo, o General Nintoku lançou a moeda no ar. Para cima, para cima, para cima ela foi, dando cambalhotas por cima do topo dos galhos das árvores. E ela foi seguida pelo olhar de todos; eles mal ousavam respirar, muito menos se mexer.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, a gravidade puxou a moeda para baixo e ela pousou na palma da mão estendida do general, que a seguiu com o olhar, com seu rosto impassível. Então, ele olhou para cima.

— Cara — disse.

Por um momento, ficou tudo quieto, parado. E então — uma erupção de aplausos. Aplausos estrondosos. Os soldados se abraçaram, bateram no peito e deram socos na direção do céu. De repente, tudo se tornou possível. A vitória estava à vista.

Tomados por uma nova energia, eles marcharam para a batalha. Não se abalaram, não se intimidaram quando viram a massa de tropas inimigas avançando em sua direção. Eles empregaram todos os artifícios à sua disposição. Lutaram com uma ferocidade que eles mesmo não sabiam que tinham. E eis que, no final do dia, seus inimigos admitiram a derrota.

O General Nintoku assistiu, desde seu assento embaixo das árvores *sakura*, conforme o inimigo recuava. O céu estava novamente laranja, o sol voltando para descansar depois do trabalho do dia.

Logo em seguida, se ouviu um sussurro vindo de algum lugar próximo. O General virou-se a tempo de perceber um dos soldados que se aproximava — o mesmo que naquela manhã lhe entregara a mensagem do palácio.

— General —, disse o soldado. — Que destino incrível o nosso! Ainda bem que deu cara quando aquela moeda foi lançada!

— Sim, de fato — disse o General Nintoku. — Nosso destino é incrível.

— Aqui —, continuou depois de um momento. — Quero dar isto a você.

E entregou a moeda para o soldado, que a envolveu em suas mãos.

— Um lembrete do destino — disse o General Nintoku — para segurar em suas mãos.

Em seguida deu um tapinha nas costas do soldado e se retirou.

O soldado olhou para a moeda, na superfície da qual o rosto em auto relevo captava a última luz do dia. Então ele a virou. E, mais uma vez, o rosto em auto relevo cintilou à luz do sol.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.